

**BIBLIOTECA ESCOLAR: IMPACTOS DE UMA REFORMA NO ESPAÇO INTERNO**IEDA MARIA KURTZ DE AZEVEDO<sup>1</sup>CRISTINA MARIA ROSA<sup>2</sup><sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [kurtzieda@gmail.com](mailto:kurtzieda@gmail.com) 1<sup>2</sup>Cristina Maria Rosa – [cris.rosa.ufpel@hotmail.com](mailto:cris.rosa.ufpel@hotmail.com)**1. INTRODUÇÃO**

No trabalho relato e analiso o impacto, entre alunos e docentes, de um processo de recuperação física do espaço interno de uma biblioteca escolar. Localizada na periferia urbana de Pelotas, a escola atende a aproximadamente 580 crianças e adolescentes, em dois turnos (manhã e tarde) além de ofertar Educação a 243 Jovens e Adultos. As ações de restauro, realocação de móveis e utensílios e uso do acervo estão sendo desenvolvidas por um grupo de estudantes vinculados ao GELL – Grupo de estudos em Leitura Literária e ao Projeto de Extensão Leitura Literária na Escola, ambos abrigados na FaE/UFPEL. A Biblioteca que antes existia tornou-se, aos olhos da Direção, inadequada, demandando uma intervenção. Sem acesso a suas rotinas diárias, pois a “reforma” está impactando a vida de estudantes e professores, me propus a conhecer seus pontos de vista e expectativas.

Compreendo uma biblioteca como um espaço destinado a políticas de leitura e estas como um processo de acesso, uso, fruição e trocas relativas ao artefato mais importante de nossa cultura escrita – o livro. Para Rosa (2016), uma biblioteca escolar é o único espaço que não pode faltar em uma escola e, nas escolas de ensino fundamental, deve ser especializada no atendimento a crianças entre seis e quatorze anos de idade, tempo destinado a formação do leitor. Dispositivo “complexo, constituído por elementos heterogêneos como a arquitetura e o ambiente, as técnicas e tecnologias, os processos e produtos, as regras e regulamentos, os conteúdos materiais e imateriais”, a biblioteca para crianças e jovens é responsável por ampliar sentidos aos “significados por ela guardados”, de acordo com Pieruccini (2002). Para Briquet de Lemos (2002), uma biblioteca, no sentido de instituição social, possui “cinco pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização, uma comunidade de usuários, efetivos e potenciais e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca”. Entre suas políticas mais importantes está a promoção de situações de leitura para crianças que se encontram “na fase incipiente de contato com a linguagem escrita e que ainda não fazem uso autônomo dessa linguagem” (BAPTISTA, 2014). Apoiada em artigos que abordam a leitura, o livro e a literatura assinados por autores como Meireles (1951), Abramovich (1997), Campelo (2010) e Zilberman (2003), me convenci de que a leitura de diferenciados gêneros é fundamental na formação de qualquer criança, especialmente quando observamos que parte das famílias não dispõe de repertório, acervos ou atitudes que antecipem ou substituam as práticas escolares de acesso e

uso do livro. Para Souza e Feba (2013), são essas práticas que tornam a criança autônoma: “ao ‘usar’ os livros, tal qual o adulto”, elas buscam “compreender as informações em textos verbais ou imagéticos como estão neles configuradas”, aprimorando suas relações de conhecimento e fruição.

## 2. METODOLOGIA

Para descrever e avaliar o impacto da ausência/presença da biblioteca na escola e, especialmente, do processo de recuperação física do espaço interno além de conhecer as expectativas de crianças e direção com relação ao que ainda não há, optei por procedimentos de pesquisa inseridos na abordagem qualitativa – que busca averiguar um fenômeno através de detalhada descrição, do ponto de vista dos sujeitos envolvidos, seus discursos e significados transmitidos. De acordo com Augusto, Souza, Dellagnelo e Cario (2013), a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental a compreensão de atitudes, motivações, expectativas e valores expressos nos depoimentos dos atores sociais e preza pela descrição detalhada dos fenômenos. Ela precisa ter credibilidade, transferibilidade, confiabilidade, explicitação cuidadosa da metodologia e relevância. Com poucos estudos anteriores descritos na Bibliografia, justifico a premência e importância da pesquisa. Os procedimentos escolhidos por mim para a investigação foram **a)** fotodocumentação do processo; **b)** leitura do relatório de intervenção; **c)** elaboração de questionários abertos; **d)** escolha aleatória de sujeitos a serem ouvidos; **e)** incursões no local ainda em reforma; **f)** diálogos com um grupo de alunos e duas professoras que integram a direção da escola; **g)** gravação e elaboração de conclusões. As interações ocorreram em julho de 2016, quando a reforma estava em andamento, inicialmente diante da porta fechada e, depois, no espaço. As **questões** buscaram conhecer o conceito de biblioteca para os sujeitos, a descrição e usos do espaço anteriormente destinado à biblioteca na escola, a sensação de não ter biblioteca durante a reforma, o conhecimento acerca do novo projeto, do andamento da obra e da equipe de trabalho além das expectativas de futuro.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da porta fechada da sala em reforma, um grupo de cinco alunos do 9º ano informou que, anteriormente, a sala era utilizada para vídeos, eventualmente. Inicialmente não lembraram se havia alguma indicação na porta, mas uma aluna afirmou que nela estava escrito “Biblioteca”. Ao entrar na sala em reforma, dirigiram-se para o painel que está sendo pintado no espaço destinado à infância. Com expressões como “olha que massa aquela parede” e “olha, que bonitinho”, logo perguntaram: “Vamos poder pegar livro aqui?” A aparência da sala foi descrita como “Alice no país das maravilhas”. Ao referirem-se à anterior, um deles disse: “Eu nunca senti interesse em ficar naquela biblioteca. Por mais que eu gostasse de ler, achava escura e muito apertada. Aqui é bem melhor”. E os demais completaram: “é bem mais legal”, pois “nós estávamos num aperto que nem respirar dava” e “na pequena, não tinha espaço para sentar e ficar lendo, era ruim”. Solicitados a descreverem em uma palavra o que está acontecendo dentro da sala, suas escolhas foram: “show,

gostei muito”, “por enquanto, uma bagunça”, “uma reforma”, “um recomeço”. A expectativa desse grupo é de que a sala fique “bacana”, “bem lindo, bem bonito”, “muito lindo”, “bem alegre”, “colorido”. Uma das estudantes argumentou: “Desperta mais interesse. Se tu estás lá e tem de fazer um trabalho, fica atucanada com aquele livro super chato e ainda tem de ficar olhando para uma parede cinza ou de madeira, com vários nadas, é horrível”. Questionados se o novo ambiente poderia influenciar na vida escolar dos alunos, uma das meninas respondeu: “Acho que sim, ainda mais para os pequenos, até porque começa desde pequeno esse negócio de gostar de ler. Então eles vão crescer com isso na cabeça: que ler é bom e vão gostar daqui”. Outra concluiu: “Pena que é nosso último ano, a gente não vai poder aproveitar essa biblioteca!”. Mas logo perguntou: “A gente pode voltar para visitar depois que ficar pronto?”

Ao ouvir docentes gestoras percebi um discurso mais politizado, de quem pensa a escola como um todo. A atual situação – a escola não ter uma biblioteca – é “extremamente preocupante” e a sensação é de “faltar um pedaço da escola”, de acordo com a Diretora. Não ter material para trabalhos e pesquisas, o espaço em si e livros para leituras literárias foram citados como exemplos do “pedaço que falta”. Ao referir-se ao espaço anterior, informou: “Não se podia dizer que era uma biblioteca. Era uma peça pequena, só tinha uma mesa no centro, os livros ficavam encostados na mesa. O espaço era restrito, com janelas bem altas, não dava para abrir, não tinha claridade do dia, as luzes estavam sempre ligadas. No verão era muito quente, no inverno muito frio, ninguém tinha vontade de entrar”. Quanto ao trabalho que está sendo realizado, é reconhecido por alunos e professores como importante, de acordo com ela. As mudanças que vislumbraram – cores nas paredes, cadeiras com estofamento colorido, painel na parede do espaço infantil – superam as expectativas do que era esperado como “reforma”. Acredita que “quando o aluno entrar, vai se sentir recebido, parte da biblioteca e verá não apenas livros, mas livros integrados ao ambiente. E isso é essencial!”

Para a vice-diretora, as mudanças oportunizam “encantamento, as crianças identificam que é um ambiente de biblioteca e não uma simples sala de aula transformada”. A anterior era um “depósito de livros” no qual os alunos “se amontoavam ao lado de uma estante e ficavam pendurados procurando um livro que queriam”. O novo espaço “está se tornando um algo a mais, (...) um espaço de biblioteca mesmo, não um armazenamento de livros”. Informou que, inicialmente, os professores cobravam que a biblioteca não estava disponível, que a reforma estava demorando. Agora, os professores “estão impactados, vêem a transformação, o processo”, disse ela e “estão percebendo que fazer uma biblioteca não é só depositar o livro, fazer uma pilha de livros didáticos, fazer uma pilha de livros de literatura e pronto”. Eles sabem que “tem um processo: selecionar o livro, adequar”, pois a Biblioteca “tem partes, não é um todo, tem seus fragmentos”. E refletiu: “As bibliotecas de escola são feitas com pressa, jogam móveis e livros de qualquer jeito, pois é um espaço para receber o aluno, os professores não vão estar lá”. Ansiosos pela inauguração, os professores surpreenderam-se ao saber que é a Universidade a responsável pela reforma. “Não esperavam, disseram que a Universidade só quer fazer pesquisa e ir embora, nunca traz um benefício para a escola, nunca vinham”.

#### 4. CONCLUSÕES

As ações de restauro, realocação de móveis e utensílios e criação de novos espaços que estão sendo desenvolvidas na escola só são possíveis por representarem um projeto de gestão, por parte da Direção da Escola e um projeto político, por parte do GELL (FaE/UFPEL). Com expertise em projetar e desenvolver atitudes, eventos e espaços adequados à leitura literária, o grupo inventou um “modo de ser” para a Biblioteca, produziu uma planta, convenceu a escola, colaboradores e financiadores e realiza a obra. A investigação revelou que a sala anteriormente destinada a esse fim era inadequada quanto ao conceito, tamanho, iluminação, circulação, climatização e disposição dos acervos. Revelou também que parte considerável dos usuários nunca se defrontou com a possibilidade de uma biblioteca ser, também, um espaço de leitura, embora já exista a previsão para tal em documentos oficiais, como o Manual pedagógico da biblioteca da escola produzido pelo MEC em 1998.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AUGUSTO, C. SOUZA, J. DELLAGNELO, H. e CARIO, S. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). In: **Revista de Economia e Sociologia Rural**. vol. 51 nº.4. Brasília Oct./Dec. 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032013000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007)
- BAPTISTA, M. Bebetecas. **Glossário CEALE**. Belo Horizonte/UFMG, 2014.
- BRASIL. MEC/FNDE. Manual pedagógico da biblioteca da escola. Brasília:FNDE, 1998.
- BRIQUET DE LEMOS, A. Excerto. In: CAMPELO, B. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CAMPELO, B. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.
- PEREIRA, A. (Elaboração). Biblioteca na Escola. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- PIERUCCINI, I. Excerto. In: CAMPELO, Bernardete. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ROSA, C. Biblioteca na escola: aprendendo a fazer. **Blog Alfabeto à parte**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2016/06/biblioteca-na-escola-aprendendo-fazer.html>
- ROSA, C. Fotodocumentação e Relatório de Intervenção: imagens e palavras sobre a interferência na Biblioteca da EEEF Fernando Treptow. **Relatório de Pesquisa**. Pelotas: PRPPG/UFPEL, 2016.
- SOUZA, R. e FEBA, B. **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São. Paulo: Global, 2003.